



Felipe Lucena

TCHAU RADAR

Inspirado pelo álbum homônimo de **ENGENHEIROS DO HAWAII**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

TCHAU RADAR
FELIPE LUCENA
uma história inspirada por
TCHAU RADAR
ENGENHEIROS DO HAWAII

SÃO PAULO, SETEMBRO DE 2010
1ª Edição

COPYRIGHT © 2010 BY FELIPE LUCENA
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOOKS.COM.BR

TCHAU RADAR

FELIPE LUCENA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



TCHAU RADAR
FELIPE LUCENA

ENTRE 1938 E 1939

Desde que cheguei aqui para estudar direito, cada canto desse país fez questão de me encantar. A França é mesmo linda. Mas mais linda que essas cidades só ela: Louise. Sempre que penso nela, penso num painel de controle. Cheia de luzes e segurança. Meu lindo painel de controle.

Nos conhecemos em um cinema, nem me lembro o filme. Pouco importa, quando ela chegou à porta, meu peito de porto fechou. Logo eu que tinha tantas namoradas ao mesmo tempo lá no Brasil. De família rica e com a capacidade de vestir a verdade que Deus me deu ficava mais fácil. Só que com ela foi diferente, não sentia só vontade de sentir prazer, dizer que foi um prazer e ficar só de novo. Não, eu a queria ao meu lado o tempo todo e assim foi. Há tive o tempo todo, o tempo todo que o tempo quis.

Todos os finais de semana eu ia para casa dela. Tinha de ser assim, pois o pai dela era difícil de lidar. Nos fins de semana ele viajava à Alemanha para visitar sua terra natal e seus companheiros do partido nazista. Havia se mudado para França logo após a Primeira Guerra Mundial e já estava lá há mais ou menos vinte anos. Louise havia nascido no país berço de tanta luz. Quando nasceu meu painel de controle, sua mãe disse adeus à vida.

Os dias que passava com Louise eram perfeitos, mesmo sem acreditar em perfeição, ela era real e infinita. Nós nos envolvíamos num amor vermelho, ascendíamos um cigarro verde e tudo ficava branco como a paz.

Íamos a cinemas, teatros, bares. A França era um bom lugar para forçar os músculos das pernas junto com um coração.

Mas nada era, é ou será para sempre...

Louise estava grávida.

Ela não sabia o que fazer, o pai dela jamais aceitaria. O meu também não. Tinha que voltar da França com um diploma, não com um filho. Não podia fazer aquilo. Não sabia o que fazer. Eu só tinha vinte anos e ela dezoito. O descontrolo do meu painel me desorientou. Pensei com medo e decidi do pior modo. Fugi. Disse que não a amava. Disse tchau.

ENTRE 1939 E 1940

Não podia voltar para o Brasil. Peguei um navio para os EUA. A terra da liberdade. Talvez lá o radar da culpa que com razão me perseguia me deixaria em paz.

Arrumei um trabalho em uma montadora de carros, morava em um modesto apartamento. Não conseguia parar de pensar em Louise. Tudo era inverno. Tudo era um inferno. Eu que não a amava... parece que perdi uns dez outonos nestes meses que passei lá.

Um dia lendo o jornal, vi que tropas nazistas haviam atacado a França. Não pensei duas vezes, não ouvi as vozes. Juntei o dinheiro que tinha e voltei.

A França não era a mesma. Não era nada. Era toda caos. Os nazistas haviam transformado em trevas o que um dia foi luz. Andava por tristes ruas como um traste que não merecia achar o que procurava.

Encontrei um amigo que sabia sobre meu encontro com a perfeição. Ele me disse que Louise contou tudo para o pai e fugiu de casa. Disse também que ouviu uns boatos de que ela estava em um abrigo ao norte da França, abrigo esse que foi fortemente atacado e ocupado pelos soldados de Hitler. Mas falou que ela conseguiu fugir e logo em seguida foi me procurar. Estava perdida. Isso torna mais difícil qualquer busca. Talvez por isso sempre procurei no escuro.

Fui ao tal ex-abrigo. Parecia uma colônia alemã feita para soldados. Fugiu de novo... Acho que para ela nosso amor não era mais tão branco como a paz. Acho que tentei fugir da minha covardia.

1941

Minhas costas não suportavam. A translação era mais leve. Deixei ela me levar. O mundo estava em guerra, precisava de um porto seguro. Pensei em uma volta ao Brasil, mas preferi deixar esta passagem na prateleira. Voltei para o EUA, fiquei um tempo, juntei um dinheiro e chutei minha vida para a Argentina. Perambulei lá por várias cidades, era um amor em cada fronteira. Partia e deixava mais um peito partido. Não tinha partido, religião, casa nem coração. Só tinha asas. Ganhei a América do Sul. México e algumas das ilhas do Atlântico sentiram meu cheiro. E até a Ásia, mesmo com toda conta vital em risco, ela e elas conheceram meus sapatos gastos. Me viro bem em algumas línguas. Conseguia mentir para os outros e para mim com elas.

Assim era: chegava, bebia ou usava o que tivessem para usar, procurava um jeito de arrumar dinheiro e encontrava um coração, às vezes pagava um para bater e apanhar, por mim e de mim. Era certo. Deixava alguém mal em um porto, enquanto partia pior. Não sabia por que fazia, mas fazia. Sabia. Para esquecer meu controle eu me descontrolava e preferia não ficar para ver a mudança das estações.

COMEÇO DE 1942

A vida não me deixou ensaiar meu grande drama, talvez se soubesse o que fazer, faria uma comédia. Assim todos ficaram vestidos de sorrisos. Odiava aquelas despedidas. Dizia até mais, sabendo que era adeus. Ah, Deus devia estar decepcionado comigo. Adeus, a Deus...

Não queria mais que as coisas continuassem como estavam. Meu sonho não era com aquele mundo. O mundo reflete o que fazemos, não à toa ele é composto por mais água do que terra. Um espelho do tamanho da minha dor. Um espelho de água salgada. Minhas lágrimas.

Só fui feliz com Louise.

Errei. Queria pedir perdão. Queria estar de novo com ela. As dúvidas me devoravam e para mim, dúvidas sempre foram dívidas. Voltei à terra de Voltaire para sanar as dívidas, sarar das dúvidas e centrar as dádivas.

1942

Minha vida estava tão mal-acabada quanto o navio que me levava de volta à França. Tudo o que eu tinha era: um esboço de texto, uma mala meio vazia, alguns tostões furados e um coração cansado de bater e apanhar.

Reza a lenda que a gente nasceu pra ser feliz. Lendas são para quem acredita. Felicidade é para quem merece.

AINDA EM 1942

Se furacões enxergassem, todos os olhos estariam parados e girando naquele momento, naquele lugar. Passei por muitos espelhos, mas nada era tão triste quanto aquilo. O pai de Louise estava louco. Corria imundo, porém nu pelas ruas. Vomitava uma frase em meio a um dilúvio de lágrimas: “eu matei minha filha”. Dizia tão auto que todos queriam ouvir.

Um vizinho me disse que ele ficou assim quando a filha sumiu do abrigo. Ele havia entrado como voluntário no exército nazista e participou do hostil ataque ao esconderijo onde a filha esteve.

Não sabia no que acreditar. Ela estaria viva à minha procura? Estaria morta de uma vez? E nosso filho? Eu não merecia tanto. Eu não merecia nada. A gente merece o que sente.

A verdade parece querer fugir em todas as palavras da loucura. Na sanidade ela é uma acomodada gaveta fechada.

Meus olhos eram de vidro. Chorei gotas de sangue.

Pus em prática aquilo que sou melhor. Disse tchau. Decidi voltar ao Brasil e nunca mais sentir o gosto amargo dessa palavra.

ENFIM 1943

Sabia de tudo e não tinha certeza de nada. Talvez aquela fosse a melhor hora para seguir viagem, para abraçar o mundo com meus pés. Mas sempre tive um caimento para o torto. Talvez por isso tinha tentado estudar direito. A tática de guerra mais inteligente é a fuga, pois você não fica para morrer e depois de um tempo retorna pintado de herói. Não queria mais guerra. Desliguei minhas turbinas no Brasil.

Meu pai estava morto. De raiva, desgosto, ou preocupação. De repente os três concomitantes. Não importa. O que maltrata a alma é a partida não o caminho.

Assumi os negócios da família. Me casei. Não a amava como amo Louise, mas ela preenchia com amor e prazer as cavidades do meu coração vazio. Todos estavam felizes. Eu jamais senti isso outra vez. Carola me trazia dentes postiços quando meu sorriso era engolido.

Era uma bela mulher. Sangue quente. Brasileira. Boa de cama. O calor do momento vem de carona com a amnésia. Eu tentava afastá-la de mim quando minha nuvem negra se fazia presente. Ela era um presente. Me entendia sempre, uma mãe. Me estendia sempre uma mão.

A vida seguiu. Carola por muitos momentos me fazia esquecer a dor e me levava à um lugar parecido com a alegria. Passei a ter medo de perdê-la. O medo é um forte rival, pois ele conhece os pontos selecionados pela fraqueza.

No fundo eu sabia que hora ou outra, Carola iria embora. Ninguém ama sozinho a dois. Coração só que bate rápido, cansa.

Um dia chegando da rua vi que ela não estava em casa. Eu esperava esta dor. Mesmo assim sofri. Me deixou uma folha seca, onde estava escrito “tchau”.

1946

“Não acredito em destino, se o destino é sofrer. Só acredito em destino se meu destino for você”. Me lembro de ter falado isso a Louise uma vez. Achava que uma gravata borboleta e boemias me tornariam poeta. Sempre tive o vício da escrita. Sou até bom, mas disfarço bem. Ai de mim se quisesse ser poeta. Meu pai me deserdaria.

Acreditavam que meu destino era ser um homem bem sucedido. Mas o destino tem uma forma singular de ser plural. São muitos caminhos e rumos.

Não fui aonde queriam que eu fosse. Nunca fui muita coisa. Não estava aonde o destino queria. Estava em lugar nenhum. Estava onde me levei.

Depois do fim do meu casamento, tropecei pelos relógios dos bares da vida. Éramos nós dois: eu e a culpa. Essa não ia embora nunca. Pedi uns dias de férias para mim mesmo. Me obedeci. Peguei o dinheiro que sobrou. Mais uma vez parei onde aceleraram meu peito. Bendita e maldita França. A guerra acabou, mas deixou muitas cicatrizes nesse lugar.

O peito está ainda pior. Uma capital como Paris pode trazer lembranças perdidas no interior. Ainda sinto o cheiro e o gosto dela. Estas ruas me devolvem à tona todos aqueles dias de controle absoluto do amor e da felicidade. Às vezes esquecemos de lembrar que esses têm asas, não gostam de controle.

É garoto. Esta é minha história. A dor é combustível da arte. Meu tanque viverá eternamente cheio. Escrevi este livro para ver se me livrava da dor. Não é bom. Mas duvido que seja tão ruim quanto foi minha vida longe do meu grande amor. Longe do meu controle. Meu radar.

— Sua vida foi triste, moço.

— Ainda é e será. Quantos anos têm, garoto?

— Tenho sete, senhor. Vou fazer oito. Se soubesse onde minha mãe está eu daria seu livro pra ela... tenho de ir. Tchau.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br